

A POLÍTICA DA POESIA: QUE *PO-ÉTICA* EM QUATRO POETAS PORTUGUESES CONTEMPORÂNEOS?¹

Ida Alves²

RESUMO: Trata-se de pensar a aproximação entre poesia, política e ética em alguma poesia portuguesa contemporânea para refletir sobre modos de fazer ou ler poesia. Partimos de determinados ensaístas ou poetas ensaístas para evidenciar como a poesia mantém compromisso com o tempo, a história e a sociedade. Com esse interesse, compreendemos como alguma poesia das últimas décadas resiste a uma vida cotidiana cada vez mais mercadológica e massificada, constituindo-se também como linguagem em crise e em estado de crítica, vivenciada em espaço urbano e artificialmente globalizado. Em seguida, comentam-se quatro poetas marcantes da atualidade portuguesa, com obras iniciadas nos anos 90 e 2000, com diferentes graus de recepção crítica: Manuel de Freitas, José Miguel Silva, Pedro Mexia e Golgona Anghel, leitores de tradições literárias e atentos / irônicos observadores da realidade contemporânea. Na leitura de suas poéticas, provocamos a ressonância das vozes de Jorge de Sena e Joaquim Manuel Magalhães, poetas-críticos de forte impacto no debate poético-cultural português do século XX.

Palavras-chave: Poesia Portuguesa Contemporânea; Vida Urbana; Resistência.

THE POLITICS OF POETRY: WHAT PO-ETHIC IN FOUR CONTEMPORARY PORTUGUESE POETS?

ABSTRACT: It is about thinking about the approximation between poetry, politics and ethics in some contemporary Portuguese poetry in order to reflect on ways of making or reading poetry. We start from certain essayists or poet-essayists to show how poetry maintains a commitment to time, history and society. With this interest, we understand how some poetry of the last decades resists an increasingly market-oriented and massified daily life, also constituting itself as a language in crisis and in a state of criticism, experienced in an urban and artificially globalized space. Next, we comment on four outstanding poets of the Portuguese present, with works begun in the 90s and 2000s, with different degrees of critical reception: Manuel de Freitas, José Miguel Silva, Pedro Mexia and Golgona Anghel, readers of literary traditions and attentive/ironic observers of contemporary reality. In the reading of his poetics, we provoke the resonance of the voices of Jorge de Sena and Joaquim Manuel Magalhães, poets-critics with a strong impact on the poetic-cultural debate Portuguese of the twentieth century.

Keywords: Contemporary Portuguese Poetry; Urban Life; Resistance.

¹ Este artigo é versão revista e atualizada de palestras dadas *online*, em tempo de pandemia Covid, no âmbito do I PluPo (Pluralidades Poéticas): 1950-2020 – Evento de pós-graduação do Centro Cultural do Instituto de Estudos da Linguagem/IEL, em 28/01/2021 e do III Simpósio de Estudos Literários da UFMA, que decorreu em 4, 5 e 6 de outubro de 2021. Acesso em <https://www.youtube.com/watch?v=yEPZxdme2U0&t=164s> e <https://www.youtube.com/watch?v=q3FC8tzFkOY>

² Professora Titular de Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense-UFF, Niterói. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação Estudos de Literatura – UFF. É Vice-Coordenadora do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras (PPLB) e editora da Revista Convergência Lusíada, do RGPL. Pesquisadora-bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6892-7289> E-mail: idafalves@gmail.com.

Nossa reflexão incide sobre alguma poesia portuguesa contemporânea. Ressaltamos esse recorte porque, em Portugal, a produção literária surpreende por sua extensão e força. Ou seja, é necessário ter em conta a coexistência de trabalhos poéticos diversos e de poetas com diferentes linhas de concepção de poesia, muitas vezes publicando fora do eixo Lisboa – Porto, as duas maiores cidades portuguesas e centros culturais predominantes. Além dos poetas recentes, há a presença incontornável de nomes já canônicos, falecidos ou não, com novas edições e contínua atenção crítica. Sem dúvida, a balança de produção, visibilidade e divulgação pende para o espaço lisboeta e arredores, onde estão também sediadas editoras consagradas, no caso da poesia, como a Assírio & Alvim, Dom Quixote, Cotovia, Relógio D'Água, novas e pequenas editoras, mais artesanais, algumas revistas de poesia marcantes, editadas e organizadas por poetas mais representativos nesse contexto de produção, como *relâmpago*, *Telhados de Vidro* e *Cão Celeste*³. Desse panorama poético sempre movimentado, tratamos mais de perto neste artigo da escrita de quatro poetas nascidos a partir dos anos 70 do século passado e cujos livros de poesia começaram a ser publicados ao fim do XX e começo do XXI. A escolha desses poetas – Manuel de Freitas, José Miguel Silva, Pedro Mexia e Golgona Anghel – é motivada pela certeza de que já são, na contemporaneidade, poetas referenciais para se pensar a relação poesia e *polis*, como pretendemos demonstrar. Claro que poderíamos somar a eles outros nomes, até mais novos, com convergências e divergências apreciáveis, mas são esses nomes que nos interessam aqui, por manifestarem, cada um a sua maneira, um olhar muito agudo do seu presente, manifestado em uma linguagem poética que é, na superfície, prosaica e despojada de formalismos, seja na escolha lexical e na formulação do verso, seja na expressão de emoções e afetos.

O foco, portanto, é pensar, a partir desses poetas escolhidos, como se apresenta na escrita portuguesa contemporânea a relação entre poesia e *polis*, não a retomada do já muito tratado tema da cidade moderna (que, em Portugal, tem sua voz inicial firme em Cesário Verde), mas constatar a intensidade de um posicionamento muito questionador (uma determinada ética? Uma política de escrita?) sobre os problemas, as tensões e as dificuldades de viver numa cidade europeia contemporânea, a Lisboa de hoje, movida por novas formas capitalistas de constituição da subjetividade, produção de bens massificados, consumo cultural e discursos

³ São três revistas muito instigantes no tratamento da poesia. A primeira começou a ser editada em 1997 e parou de ser publicada em 2017. Em 2023, voltou a publicar um número exatamente em homenagem ao poeta Gastão Cruz, falecido em 2022, seu principal editor desde o primeiro número. A segunda e a terceira, não periódicas, iniciaram em 2003 e 2012. *Telhados de Vidro* publicou seu n. 23 em 2018; *Cão Celeste* publicou o seu número 13, em 2019. No Brasil, há tese de doutorado defendida e artigos publicados sobre essas revistas.

mediáticos. Com esse horizonte problemático, destacam-se obras poéticas com uma linguagem afastada, por opção, de uma elaboração metafórica mais exigente para partilharem em tom menor experiências cotidianas. Muitas vezes, tal produção é subestimada por alguma crítica que vê em seu prosaísmo e no modo quase literal de observar o mundo e dele falar, um enfraquecimento da necessária tensão lírica. No entanto, essas marcas não são à toa, nem empobrecimento do lírico, mas um tom menor assumido de comunicação próxima com os outros, coparticipantes de um mundo cada vez mais agressivo e distópico, sufocados pelo excesso de discursos condicionadores de ações, gestos e emoções. Essas poéticas fazem transitar, sem receio do hibridismo, o privado e o público, a interioridade e a exterioridade, a alta cultura e a cultura pop, e o fazem com um trabalho de linguagem poética que, mesmo em versos, busca uma prosa comum, partilhável, para dar conta da trivialidade de vidas que experimentam afetos, emoções e interrogações similares.

Essa ideia de “comum” que nos parece muito forte na poética contemporânea, em geral, provoca-nos a reler Jacques Rancière (2005), no seu já clássico *A Partilha do Sensível*. Na parte inicial dessa obra tão provocadora de questões políticas e éticas, um parágrafo sintetiza de modo especial a problematização da ideia de partilha do sensível e a responsabilidade política de tomar parte numa comunidade. Destaquemos a passagem e em negrito o que de mais perto nos interessa:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, **a existência de um *comum*** e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um ***comum partilhado*** e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipo de atividade que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. **O cidadão, diz Aristóteles, é quem toma parte no fato de governar e ser governado. Mas uma outra forma de partilha precede esse tomar parte: aquela que determina os que tomam parte** (RANCIÈRE, 2005, p. 15-16, grifos nossos).

Nas poéticas que vamos comentar adiante, o sensível partilhado é um motivo do poema, constituindo um compromisso com o outro, o leitor. Há sujeitos em relação na *polis*, e a cada um cabe tomar parte “numa partilha de espaços, tempos e [...] atividade”, ou seja, na linguagem que o poema é, poeta e leitor refletem como “tomam parte” de uma experiência de comunicação sensível produzida neste tempo cheio de ruídos e num espaço frequentemente desfigurado. O gesto de partilha é um gesto político ao questionar o mundo que nos configura como sujeitos em presença.

Também Michel Deguy, escritor, poeta e filósofo, trata em muitos de seus depoimentos ou textos o compromisso da poesia com a comunidade, o pertencimento a um tempo, espaço, realidade comuns, partilhados de forma ética. Marcos Siscar, poeta, ensaísta e tradutor, em seu livro *Poesia e Crise* (2010), apresenta um capítulo intitulado “Michel Deguy: defesa e ilustração da poesia”, e dele recortamos uma passagem esclarecedora da proposta de Deguy:

[...] a poesia coloca em contato os momentos da identidade e da alteridade, incorporando à discussão sobre o poético a dimensão da intersubjetividade, do desejo, do poder e da ética. Trazendo para o campo da literatura as interrogações das ciências humanas no século XX (filosofia, psicanálise, linguística, antropologia, política), Deguy tem em vista a constituição de uma *poétique*, uma “po-ética” que resgata no domínio da *linguagem* as manifestações dos **problemas da comunidade e do comum (ou “como-um”**, diria o poeta, destacando **a retórica do coletivo no cruzamento com a ficção do individual**) (SISCAR, 2010, p. 326, grifos nossos).

Esses fragmentos motivam nossa leitura de que é preciso acompanhar nas poéticas de hoje como a linguagem lírica questiona o seu tempo de produção, a sua recepção e a mediação que faz entre subjetividades que se afetam pela partilha do que lhes é comum (“como-um”), ou seja, essa escrita prosaica, por vezes, ao rés do chão da vida, indicia um modo político de estar em contato com a alteridade e demanda de si própria, como linguagem, uma determinada coerência de valores e de gestos de rejeição ou de absorção de práticas poéticas e de práticas comunitárias, ou seja, requer a sua “po-ética”. Consideramos esses dois termos: política e ética como campos relacionais, em que estão em jogo a comunidade e o sujeito, a sociedade e o poeta, partilhando um mesmo espaço que, no caso, será a cidade de hoje, altamente urbanizada e cenário de forças contrárias que a formam e deformam continuamente.

Importa também lembrar dois poetas modernos, um mexicano e o outro português, que, em seus ensaios produzidos nos anos 50 e 70 do século XX, defenderam a relação exigente entre poesia e o seu tempo de elaboração, o seu espaço de vibração da história. Ainda que não falem explicitamente de política e ética, suas visões do trabalho poético convergem para a noção de Deguy – *po-éthique* – ao defenderem o compromisso inevitável do poema com a comunidade, a sua persistente função social que se revela exatamente nesse compartilhamento de tempo, do sensível, da condição de ser sujeito num aqui e agora vivido por muitos. Octavio Paz e António Ramos Rosa (este que, em sua crítica de poesia, é tão leitor de Paz) expuseram que a poesia tem com o tempo, o seu tempo, uma relação exigente, um diálogo permanente:

O que caracteriza o poema é sua necessária dependência da palavra, tanto quanto sua luta para transcendê-la. Isso permite uma indagação sobre a sua natureza como algo único e irredutível e, simultaneamente, considerá-lo uma expressão social inseparável de outras manifestações históricas. O poema, ser de palavras, vai além das palavras, e a história não esgota o sentido do poema; porém o poema não teria sentido – nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta” (PAZ, 2012, p. 191).

[...] dado que estas relações entre o homem e o mundo se estabelecem no interior da linguagem, a ação poética exerce-se num domínio real e insere-se, por conseguinte, no processo histórico. Real e fictícia, nem real nem irreal, a palavra poética desprende-se do real e actua no cerne em que o real se desfaz e refaz. A consciência poética tem, por consequência, uma função social (ROSA, 1979, p. 43-45).

Esses pontos de vista são consequentes para pensar a poesia dos quatro poetas portugueses contemporâneos já indicados, mas desejamos trazer ainda a contribuição de uma ensaísta e escritora que é muito instigante para todos que trabalham com poesia e mais dois poetas-críticos portugueses de forte presença para muitos poetas que começaram a publicar nas últimas décadas do século XX e ainda ressoam na poesia portuguesa destas décadas iniciais do século XXI.

Primeiro, então, referimos Silvina Rodrigues Lopes, a qual publicou, em 2003, um conjunto de ensaios que muito contribui para pensar o que desejamos e que foram reunidos numa obra cujo título é já uma concepção do literário que os poetas assumem muito fortemente: *Literatura Defesa do Atrito*. Nas poéticas que serão comentadas neste artigo, o atrito é um movimento constitutivo do lirismo, pois suas relações com a linguagem e com a sociedade são essencialmente críticas e, por isso, produtoras de visões insubmissas a retóricas dominantes ou a realidades controladas por discursos midiáticos ou massificantes.

Os poetas são Jorge de Sena e Joaquim Manuel Magalhães. O primeiro, falecido em 1978, aos 58 anos, deixou uma obra vasta que é referida com certa insistência por parte desses poetas mais jovens, como pode ser verificado em seus poemas (referência nominal ou citação de versos), em seus textos críticos ou mesmo em entrevistas sobre diálogos e leituras. Lembramos, então, um fragmento de famoso prefácio seniano no volume 1 de sua *Poesia*, no qual contrapõe à poesia de fingimento pessoal a sua própria concepção de poesia, a “poética de testemunho”:

É que à poesia, melhor que a qualquer outra forma de comunicação, cabe, mais que compreender o mundo, transformá-lo. Se a poesia é, acima de tudo, nas relações do poeta consigo mesmo e com os seus leitores, uma *educação*, é também, nas relações do poeta com o que transforma em poesia, e com o acto

de transformar e com a própria transformação efectuada — o poema —, uma actividade revolucionária. [...] o “testemunho” é, na sua expectativa, na sua discipção, na sua vigilância, a mais alta forma de transformação do mundo, porque nele, com ele e através dele, **que é antes de mais *linguagem*, se processa a remodelação dos esquemas feitos, das ideias aceites, dos hábitos sociais inconscientemente vividos, dos sentimentos convencionalmente aferidos.** Como um processo testemunhal sempre entendi a poesia, cuja melhor arte consistirá em dar expressão ao que o mundo (o dentro e o fora) nos vai revelando, não apenas de outros mundos simultânea e idealmente possíveis, mas, principalmente, de outros que a nossa vontade de dignidade humana deseja convocar a que o sejam de facto (SENA, 1988, p. 25-26, grifo nosso).

Claro que temos nessa perspectiva seniana uma certa utopia moderna de crença na palavra que pode transformar o mundo, a arte como educação dos sentidos, uma ética “estética”, mas o que ressoa nos poetas portugueses finiseculares do século XX, publicando no XXI, é uma ética da poesia que exige o atrito, que ironiza a sua própria criação e que recusa uma existência edulcorada. Cabe, sobretudo, escrever poesia em estado de crise, tornando problemáticas a subjetividade, a alteridade e a linguagem que as configura ou desfigura.

A outra voz, após Sena, é sem dúvida a de Joaquim Manuel Magalhães. Este é um poeta que iniciou a publicação em livro no início da década de 70, sendo muito referido por autores que começarão a publicar nos anos 90 em diante. Em vários poemas destes poetas mais recentes ou em seus textos críticos ou entrevistas, indica-se a importância de Magalhães no entendimento da linguagem poética e seus dilemas estéticos, políticos, sociais e culturais pós-anos 80. Uma voz provocante, uma voz singular que não quer ser “mestre” de nada, mas que atrai e determina certa visão de como o poeta inevitavelmente se atrita com o que está no aqui e no agora, se é realmente um poeta vivo a participar do mundo. Em um livro de poesia editado em 1981, *Os dias, pequenos charques*, Magalhães publicou um poema que se transformou num texto polêmico. Trata-se de “Princípio”, que leremos a seguir. Antes, lembremos que esse poeta é autor de um livro de ensaios críticos, *Os Dois Crepúsculos* (1981), o qual, no panorama da crítica poética portuguesa, significou, para muitos⁴, um abalo em termos de pensamento da poesia. Ele não só faz as suas escolhas de poetas que interessam e os examina a partir do que considera importante pensar, como há uma segunda parte do livro onde se reúnem textos muito ácidos sobre a sociedade e a cultura portuguesa daquele momento, poucos anos depois da Revolução de Abril. Temos aí textos que podemos considerar antológicos sobre o desacordo, a

⁴ Manuel de Freitas, em entrevista recente (ver referência ao final), expressa o seu primeiro contato com essa obra: “Estava por lá, com aquele tédio todo, quando encontrei *Os Dois Crepúsculos* e percebi que era uma espécie de cartografia poética feita à minha medida. Como crítico, foi decisivo para mim”.

recusa a um determinado modo de estar e de dizer a vida portuguesa. Fala de uma geração “dessatisfeita” e sua poesia significará uma forma evidente de recusa de uma moral hipócrita, de discursos autoritários e de formas poéticas esgotadas. Voltemos agora ao poema “Princípio”, em transcrição fiel a essa edição⁵:

No meio de frases destruídas,
de cortes de sentidos e de falsas
imagens do mundo organizadas
por agressão ou por delírio
como vou saber se a diferença
não há-de ser um pacto novo,
um regresso às histórias e às
árduas gramáticas da preservação.
Depois dos efeitos da recusa
se dissermos não, a que diremos
não?
Que cânones são hoje dominantes
contra que tem de refazer-se
a triunfante inovação?
Voltar junto dos outros, voltar
ao coração, voltar à ordem
das mágoas por uma linguagem
limpa, um equilíbrio do que se diz
ao que se sente, um ímpeto
ao ritmo da língua e dizer
a catástrofe pela articulada
afirmação das palavras comuns,
o abismo pela sujeição às formas
directas do murmúrio, o terror
pela construída sintaxe sem compêndios.
Voltar ao real, a esse desencanto
que deixou de cantar, vê-lo
na figura sem espelho, na perspectiva
quase de ninguém, de um corpo
pronto a dizer até as manchas
a exacta superfície por que vai
onde se perde. Em perigo
(MAGALHÃES, 1981a, p. 13).

O leitor poderá observar os adjetivos escolhidos, a carga de recusa contra os discursos dominantes, a ideia de voltar ao coração, portanto, ao afeto e ao sujeito que diz com palavras comuns, limpas, o seu real desencantado, o seu corpo em perigo. Anos mais tarde, ele retornará a esse poema realizando a crítica às leituras que lhe foram impostas. Mas o que nos importa a

⁵ Joaquim Manuel Magalhães, nos últimos anos, tem realizado um processo de corte muito profundo de sua poesia anterior, rejeitando obras publicadas ou recortando poemas até só restarem palavras ou expressões. Por isso, atualmente, nos últimos livros publicados, não ocorre mais a indicação de livros anteriores e certos poemas até retornam, no entanto, completamente erodidos.

nós, leitores de agora, é que tal poema e mesmo os reenvios a esse texto pelo próprio poeta, em textos posteriores, constituem um modo de pensar a poesia que nos leva ao encontro do que destacamos em Rancière e em Deguy. Temos a ideia de partilha, o desejo do afeto (afetar o outro), a subjetividade assumida como lugar instável direcionado à alteridade, a provocativa volta ao real. Mas que real é esse marcado pelo desencanto? Não é um retorno às coisas, ao literal do mundo, mas uma opção de lucidez frente ao que temos em mãos para pensar, fazer e viver, mesmo em perigo, com certezas destruídas e sem mais a possibilidade do canto (daí, ironicamente, o desencanto). A lucidez do sujeito que persiste em meio às ruínas de sua história ou da história do espaço em que vive.

Tanto a voz de Sena quanto a de Magalhães convergem para a crítica como opção de interromper modelos poéticos canônicos, ou melhor, leituras e concepções poéticas canônicas, e por isso questionam, são insubmissos e soam, ressoam muito para os poetas que chegaram depois deles. Um modo de perceber essa ressonância política e ética é ler, por exemplo, algumas revistas de poesia publicadas nos anos 2000 e anteriormente referidas, revistas feitas por poetas, sem apoios institucionais ou interesses acadêmicos. Para este momento, destacamos a *Cão Celeste*, dirigida por Manuel de Freitas e Inês Dias, um casal de poetas. Hoje, Freitas tem 50 anos, mais de 40 livros de poesia publicados (em geral, pequenos livros no formato e cerca de 300 exemplares por edição) por meio de uma editora que também criou, a Averno, e de outras editoras de poesia, até mesmo na consagrada Assírio & Alvim⁶. A *Cão Celeste* é uma revista muito combativa, assumidamente contestatória dos valores financeiros, publicitários e consumistas que movem a sociedade contemporânea global. Em suas páginas, há menos poemas do que ensaios livres assinados por poetas que problematizam diferentes fatos e gestos que marcam a cultura ocidental atual e modos de vida. Recorto para leitura três excertos: um da apresentação do n. 1 da revista e dois de ensaios ali publicados em outros números:

[...] o *Cão Celeste* pretende apenas ganhar, **ladrar com raiva ou paixão, amar ou odiar sem peias aquilo que o mundo quotidianamente lhe dá a ver.** [...] Este é, antes de mais, um **espaço de encontro entre pessoas que ainda consideram urgente o livre exercício da crítica, do pensamento ou da revolta.** E é justamente em nome dessa **precária liberdade** que prescindimos de qualquer apoio exterior, passível de condicionar os nossos gestos (FREITAS; DIAS, 2012, p. 3).

Num mundo cada vez mais pressionado pela **escassez de recursos naturais, económicos e sociais em face do contínuo crescimento demográfico, o imperativo político de distribuição do acesso ao trabalho e seu produto é**

⁶ Atualmente, reuniu seus livros em *Levar caminho*, três volumes. O primeiro foi publicado em 2022, pela Averno.

cada vez mais necessário. O que sempre foi evidente e hoje se torna inadiável é que o custo da riqueza desmesurada é a pobreza desmesurada. O problema não é uns ganharem o incalculável e outros a dízima contada. O problema é que sendo os recursos finitos e o número dos que deles vivem crescente, ou a distribuição é racional e proporcionada, ou um número insustentável de habitantes deste mundo é liminarmente excluído da possibilidade de lutar por uma vida sequer (ROQUE, 2013, p. 14).

Nunca como hoje tudo foi quantificável, nunca como hoje soubemos tanto acerca de como e o quê quantificar: o tempo, as ações, o trabalho, o lazer, a riqueza, a pobreza, os saberes. São rápidas e prontas as respostas para inúmeras perguntas, desde que a sua formulação comece por um «quanto?». Contamos e voltamos a contar, sabemos sempre como converter quantidades em novas quantidades (de resto, o desconhecimento da quantificação em curso é cada vez mais penalizador). [...] Ora, **as Humanidades não podem deixar de reivindicar e assumir o papel de interrogarem os sentidos da própria quantificação em curso, a partir de um ponto de vista qualitativo [...]. Cabe-lhes moderar os riscos de desumanização que acompanham a obsessão quantificadora da sociedade em que vivemos** (MARTELO, 2015, p. 40).

Nossos negritos buscam indicar as questões-chave desses três textos publicados na revista, que podem servir de exemplo do tom geral do periódico: a demanda da valorização do afeto nas relações entre sujeitos, a literatura e a autonomia crítica, o desequilíbrio social e a defesa da sustentabilidade, um ritmo de vida cada vez mais desumanizado, formulado por políticas quantificadoras, a formulação de uma subjetividade maquínica⁷. Questões políticas e éticas que os poetas de hoje enfrentam com mais dificuldade por estarem imersos numa sociedade desencantada, plena de ruínas em diferentes níveis. Infelizmente, se pensarmos nas imagens da Palestina de hoje, que os jornais e TV mostram como espetáculo da impotência dos discursos, esse arruinamento é literalmente o real. Os excertos indicam a ideia de enfrentamento desse mundo cotidianamente vivido, a busca de espaços de encontro, onde ainda seja possível partilhar alguma forma de afeto, como dividir o comum dos dias, a precariedade da liberdade que pensamos ter. Não há mais uma palavra salvadora, utópica, não há mais a expectativa moderna de transformação, pois tudo agora é precário na vida, no corpo e na linguagem. Estar na crise, viver em crise é estar lúcido em poesia, sem estar preocupado em ser inovador, original, mas apto a vivenciar essa espécie de ética formulada como uma *po-ética*, ou seja, a criação de um espaço de respiração, de resistência na linguagem, um espaço ainda humano.

Nessa crítica a um sistema financeiro que se infiltra em todas as relações ou práticas ou campos e mascara sua destrutiva rede de discursos em produção, em riqueza, tecnologia e

⁷ Uso essa denominação a partir de discussões filosóficas mediadas pelo escritor e filósofo brasileiro Paulo Ghiraldelli. Ver livros próprios e indicações bibliográficas em <https://pauloghirdelli.com.br/livros/>

liberdade individualista, um problema peculiar a Portugal vem também à tona e se relaciona aos modos como os sujeitos vivem nas grandes cidades. Em muitos poetas portugueses com livros publicados da década de 90 à atualidade, a cidade de Lisboa é metonímia de uma massificação espacial globalizada. No caso português, a questão tem um perfil específico: a indústria do turismo. A vivência da cidade torna-se cada vez mais exasperante, experiência vivenciada do desaparecimento de lugares de afetos, de uma memória pessoal e mesmo coletiva que é arrasada por interesses econômicos movidos pelo turismo exacerbado. O leitor deve considerar que, em Portugal, a indústria do turismo é responsável por um conjunto de atividades econômicas fundamentais para o emprego e o PIB nacional. No entanto, cada vez mais, o turismo excessivo e extensivo torna-se um problema ou traz diversos problemas para quem pertence à cidade e experimenta a quantificação e a desumanização do espaço circundante. Sobre isso, especialmente, vale reproduzir trechos de uma reportagem jornalística⁸ relativamente recente, dando conta de livro publicado por um grupo de geógrafos e arquitetos a respeito das modificações ocorridas no Porto, a segunda maior cidade portuguesa, com o título: *Baixa do Porto – Arquitectura e Geografia Urbana 2010-2020*:

Três geógrafos e dois arquitectos escreveram um livro sobre as mudanças ocorridas entre 2010 e 2020 na Baixa do Porto. Uma zona da cidade que está “mais desonesta” e onde comércio e habitação perderam protagonismo enquanto o turismo ganhava espaço. [...] De facto, é impossível não falar dele. “O crescimento do turismo já se notava em 2008 e tinha muito a ver com os voos *low cost* e a chegada de cada vez mais pessoas”, resume Pedro Chamusca. Mas houve outros factores, nomeadamente o incentivo à regeneração urbana (momentos como o Porto 2001, o Euro 2004, o Polis e o Polis 21 ou a Sociedade de Reabilitação Urbana são importantes para perceber a matéria), que acaba também por trazer mais população flutuante. “Tudo isto muda o aspecto da cidade e puxa o turismo.”

Ao longo desta década, continua o geógrafo Pedro Chamusca, vê-se no Porto “cada vez mais reabilitação e cada vez mais população flutuante”, o que conduziu a uma “alteração dos usos” de muitos edifícios que, ao mudar a arquitectura, influenciam a dinâmica da geografia urbana da cidade. [...]

“A Baixa, que primitivamente era dominada por três funções – residência, comércio e serviços –, é actualmente caracterizada pela forte presença de hotelaria e serviços conexos (com destaque para a restauração), com diminuição acentuada dos espaços comerciais e o quase total desaparecimento da ocupação residencial”, concluem os autores. Esta foi uma mudança “muito rápida”. E, por isso, potenciadora de um problema, analisa Jorge Ricardo Pinto: “Produz desmemoriação. E isso pode criar rupturas naquilo que é a cidade, no que ela representa e no seu carácter”.

⁸ Jornal *Público*, Lisboa, Porto. Como 50 edifícios retratam a “brutal transformação” da Baixa do Porto. Mariana Correia Pinto, 3 de Outubro de 2021. edição on line. Ver em <https://www.publico.pt/2021/10/03/local/noticia/50-edificios-retratam-brutal-transformacao-baixa-porto-1979528>. Acessado em 10/12/23.

No texto jornalístico, fala-se mesmo do problema da “disneylização” de Portugal com a quantidade de turistas que lá chegam todo o tempo, mas sobretudo no verão, e isso acarreta a transformação da cidade em espaço de hotelaria, com lojinhas de lembranças turísticas, sem identidade cultural, ou lojas de *griffe* globais para atender aos gostos iguais de todos que podem pagar por seus produtos. Os espaços de memória vão sendo progressiva e intensamente transformados para dar lugar a essas demandas turísticas, além do que o processo de gentrificação vai empurrando a população mais pobre para as periferias urbanas.

Lisboa, igualmente, sobretudo considerando a Baixa (o centro), está se tornando uma espécie de não-lugar, dada a descaracterização do antigo comércio que dava uma marca cultural reconhecida como portuguesa. Hoje, arrumada com lojas encontradas em qualquer grande capital e antigos prédios transformados em hotéis ou hostels em todos os cantos, marcada pelo andar de milhares de turistas. Estes sobem e descem as ruas admirando o rio Tejo, buscando lembranças triviais, sempre prontos a registrar autoimagens com seus celulares, indiferentes na verdade ao que é próprio da cultura portuguesa. Assim, Lisboa parece mesmo uma Disney para adultos. A relação íntima do habitante com o seu espaço urbano sofre realmente uma pane, pois as linhas de afeto e de partilha cotidianas vão sendo fortemente apagadas com os deslocamentos dos antigos residentes e a perda de suas memórias.

Tal situação não deixa de ser questionada em diversos poemas portugueses publicados a partir de 2000. A desmemorização, a quebra das relações de afetos com os lugares tradicionais, conhecidos e frequentados por anos, será muito tematizada, mesclando melancolia e ironia na enunciação desse mal-estar que os cerca sem retorno.

Os poetas que escolhemos comentar vivem também essa Lisboa-Disney de hoje. Nasceram na década de 70 ou pouco antes, têm formação universitária, alguns são tradutores, conhecedores da tradição estética ocidental, mas também atentos à cultura pop, ao cinema e a outras artes. Alguns são críticos em jornais, manejam espaços eletrônicos ou são editores, mesmo livreiros. Há também os que são professores. Esses poetas de agora podem atuar também na editoração, circulação e recepção de poesia, dadas as diferentes condições de divulgação literária atualmente existentes. São poetas que, embora publicados em editoras portuguesas reconhecidas, assumem-se como poetas que estão à margem de certo circuito comercial valorativo, do ponto de vista jornalístico ou de instituições culturais. Como já explicamos, optamos por quatro poetas: Manuel de Freitas, José Miguel da Silva, Pedro Mexia e Golgona Anghel. São autores que, por vezes, nutrem entre si alguma relação de amizade ou parceria, como Freitas e Silva, mas são autônomos em seus projetos poéticos, com diferenças

de perspectiva e trajetos. Chamar esses quatro não significa mais do que ouvir diferentes vozes que, no horizonte teórico-crítico do que estamos chamando de uma “po-ética”, apresentam poemas que convergem no tratamento dessas questões da atualidade, tomam parte dessa sociedade e assumem modos próprios de resistência ao arruinamento do sensível.

Manuel de Freitas é um poeta cuja obra já encontrou muitos leitores no Brasil. A primeira antologia de sua poesia entre nós foi publicada na Coleção Portugal Zero (2007), da Editora Oficina Raquel, sob coordenação de Luís Maffei. Em 2022, uma editora de Juiz de Fora, Macondo, publicou um livro de Freitas intitulado *Ubi Sunt*, originalmente publicado em Lisboa, em 2014. Sem dúvida, é um nome poético que foi muito referenciado por causa de uma antologia que organizou em 2001, *Poetas sem qualidades*, instigadora de muitas abordagens, críticas e mesmo polêmicas. No entanto, não nos importa retornar a isso e sim considerar que é um autor hoje com mais de quarenta livros de poesia, inclusive com edição na consagrada Assírio & Alvim, além de diversos títulos saídos em sua editora, a Averno.

Sua poética sempre foi muito acessível ao leitor comum, estabelecendo com ele uma relação próxima, mediada por memórias pessoais e comunitárias, além de inúmeras referências musicais ou literárias, numa partilha de canções e palavras que fizeram sentido em algum momento de sua formação pessoal. Sua escrita manteve continuamente um certo tom melancólico sobre a vida diária, com suas perdas e impossibilidades. Entre estas, a morte é uma figura muito presente, a memória dos que se foram, mas sobretudo a perda de lugares de afetos, como bares, lojas, tascas que pontuaram seus trajetos, primeiro em Santarém, onde nasceu, e depois em Lisboa, onde passou a viver. A ironia alinha seus poemas, mas também há que se evidenciar a afetividade que se aponta nas dedicatórias aos amigos e à mulher, Inês Dias, também poeta. Não se exime igualmente de nomear poetas que marcaram e marcam ainda suas leituras, sendo um poeta que manifesta uma atenção constante ao objeto livro, ao mundo do texto como uma biblioteca em movimento. Não à toa, além de poeta, é crítico, editor e livreiro. Sobre isso já escrevemos algo⁹ que talvez possa esclarecer nossa perspectiva sobre esse poeta que consideramos, sem favor, uma das mais provocadoras vozes da poesia portuguesa do final do século XX e décadas iniciais do XXI. Talvez dois exemplos poéticos retirados do livro *Game Over* (2017)¹⁰ possam dar alguma ideia de como o poeta se relaciona com o leitor e com a vida:

⁹ Ao leitor interessado, ver referência ao final: ALVES, 2020.

¹⁰ O livro *Game Over* foi publicado pela primeira vez em 2002 pela & etc. Citamos pela segunda edição, revista. Aliás, nessa edição, foi juntado um texto crítico assinado por Joaquim Manuel Magalhães, originalmente publicado no *Jornal Público*, que vale muito ler. Sobre o poeta mais novo, Magalhães diz: “[...] é um poeta do contemporâneo político, a sua poesia entoa a ruína que nos cerca e recobre-a num manto de vasso, única forma de esconjuro que nos leva ao encantamento” (p. 114).

“Desvia-te, leitor. / Cada um escreve sobre / o que lhe tritura a voz // e as coisas vêm-se de lado, / acesas num extinto fulgor. [...]” (“Envoi”, p. 12); “‘A vida não pode ser assim / tão assustadora’, / diz a margarina Becel / em horário nobre, / para não-cardíacos. // O que, na verdade, me / deixa saudades da censura, / de uma censura nova / que exterminasse imbecis / e que deixasse a terra a quem / ela é, como deve ser, pesada” (“Spot”, p. 13).

Nos livros mais recentes, o poeta tem optado com certa frequência pelo poema em prosa¹¹. Lemos pequenas narrativas sobre situações diárias em que o sujeito lírico reafirma sua atenção ao movimento da cidade ou à sua transformação no que tem de pior. O tema da memória e da perda de pessoas e de lugares, de determinadas relações “inúteis” com a própria literatura ou com a poesia tornam-se muitas vezes os motivos de desenvolvimento dos textos. O sujeito que se delineia nesses poemas é lúcido (lembrando verso de Álvaro de Campos, “Merda! sou lúcido”), muito consciente dos sentidos arruinados que se encontram na cidade em que habita, Lisboa, e no mundo em que está a viver, sem nenhuma melhor saída do que cultivar formas de amor, ou seja, manter os amigos, conviver com a mulher e gatos, cercar-se de livros, alguma bebida e alguns encontros inesperados. Dois fragmentos textuais poderão dar ideia disto em outro título seu:

Refiro-me, pois, à utilidade da poesia; não necessariamente num sentido político ou social (aspectos em que ela se revela, quase sempre, uma arma inoperante) - e muito menos num plano estético, uma vez que a beleza não é para o poeta uma conquista, mas sim uma exigência prévia, um compromisso tenso e inadiável. A utilidade fundamental da poesia consiste, para mim, na sua vocação de aproximar pessoas e de diluir falsas fronteiras. O resto – não me levem a mal – é apenas história da literatura (“Comovidos a oeste”, *Ubi Sunt*, edição brasileira pela editora Macondo, 2019).

Ao poeta, se realmente o for, nada pode ser alheio. Sabe-o, crua e visceralmente, António Barahona: “E pergunto-me por que escrevo do mesmo modo que pergunto por que respiro; e reaproprio-me de tudo, a fim de vislumbrar o Todo, na tentativa de converter em harmonia a dissonância do mundo” (“Rosa rotativa”, *Ubi Sunt*, 2019).

O conteúdo desses fragmentos possibilita relacionar certa visão poética de Freitas com a de Joaquim Manuel Magalhães, a quem, aliás, declaradamente nomeia em alguns momentos

¹¹ Em entrevista recente – Manuel de Freitas: “Fiz uma fogueira com 1200 poemas. Foi uma noite triunfal, uma alegria ver aquilo a arder!” - de 29/12/2023, o poeta conversa com Luís Miguel Queirós sobre diversos aspectos de sua trajetória poética. Em certo momento, o entrevistador comenta: “Também garante que não foi por escolha sua que abandonou o verso nos seus livros mais recentes, constituídos por breves textos em prosa que não sabe (nem quer saber) se são poemas”. Ver em:

<https://www.publico.pt/2023/12/29/culturaipilon/entrevista/manuel-freitas-fiz-fogueira-1200-poemas-noite-triunfal-alegria-arder-2074153>

de sua produção (seja poética ou crítica), como também permite identificar um certo reconhecimento da voz seniana, compondo-se um modo político (o poeta na *polis* cada vez mais à margem, mas sem se calar...) e ético (um modo de viver e de agir sobre os outros, as coisas e os animais) de fazer e estar na poesia. Notemos o questionamento da utilidade da poesia, a atenção ao mundo circundante e a valorização do afeto solidificados no espaço dos textos, e o receber as vozes de outros poetas, *como-um* enunciar a mesma experiência: a dissonância do mundo.

Ao se falar de poetas e de afeto, é interessante agora considerar José Miguel Silva, cujo nome como poeta aparece, inicialmente, naquela antologia já famosa *Poetas sem Qualidades*, organizada por Freitas, há mais de 20 anos. José Miguel Silva partilha o comum com Freitas¹² e, com uma linguagem mais ácida até, denuncia uma sociedade em desequilíbrio social, político, econômico, cultural e ecológico. Em sua poética acentuam-se os problemas de nosso tempo cada vez mais maquínico, midiático e individualista: o desabrigo, a quantificação da vida pesando sobre o sujeito, a injustiça social, o domínio de discursos padronizados, o consumismo descontrolado. Frente a isso, sua poética assume, de poema a poema, a recusa, a crítica sob diversos aspectos, o questionamento de tudo que desumaniza e nos impede a partilha dos afetos. Sem dúvida, entre os poetas destas três últimas décadas, a escrita de José Miguel Silva, natural de Vila Nova de Gaia (distrito do Porto), ainda que este tenha poucos livros editados e tenha se afastado dos centros urbanos, passando a viver no campo¹³, sem publicar mais livros, manifesta acentuadamente uma *po-ética* da qual não abre mão. Vale citar um poema, “Desire”, para que se dê ao leitor de forma mais evidenciada esse horizonte de leitura:

A fome, o desamor, o desabrigo,
nenhum mal é comparável à miséria
dum emprego, com as horas escoltadas
por minutos, os minutos como lápis
afiados, rasurando dia a dia
o animoso galarim das faculdades.

A questão, uma vez mais, é recusar;
desde logo, a protecção dos que traficam

¹² O livro de poesia *Walkmen*, pela editora & Etc, é composto de poemas de Manuel de Freitas e de José Miguel Silva, com epígrafe de Jorge de Sena: “Nada nos salva desta porra triste”. Na composição desse livro, não há, de imediato, identificação dos poemas de cada poeta. Somente ao final, com o índice.

¹³ No site *O Barrete*, o comentarista João Filipe, ao apresentar o poeta, encerra assim o texto: “José Miguel Silva vive hoje na pequena cidade de Serém, em Aveiro, onde trabalha como tradutor para a editora Relógio d’Água, tendo já traduzido para o português, autores como Virginia Woolf, James Joyce, Marshall McLuhan, William Shakespeare e Hannah Arendt. Mantém ainda o seu blog intitulado *Achaques e Remoques*, onde costuma ocupar-se com o iminente colapso da nossa sociedade. Ver: <https://obarrete.com/2020/09/07/jose-miguel-silva-o-poeta-gaiense/>

com a liberdade alheia, o conforto
de servir os mediáticos negreiros,
cuja sorte se cimenta no apelo
que dirigem ao pior de cada um.

Pois aquilo a que chamais a liberdade
(a coleira do consumo para muitos,
para poucos a gestão do entreposto)
não é mais do que extorsão e propaganda,
centenária manobra de fidalgos
educados no prazer da injustiça
(SILVA; FREITAS, 2007, p. 29).

Em outro poema que abre seu livro *Erros Individuais* (2010), o tom ácido, irônico ou sardônico se mantém. Valendo-se ainda de versos, o poema, na sua tradicional forma, suporta um conteúdo desestabilizador e de recusa. Os erros, a impotência, a impossibilidade de mudança, a repetição do canto sem ilusões, tudo encontra em sua escrita um espaço doloroso de registro trivial e cotidiano. O sujeito viaja e encontra em todos os lugares o mesmo mundo; o poeta escreve a sua profissão de fé que é a negação de aceitar o que aí está.

Volta ao mundo

1.

Voltemos a isto, à contagem dos erros
na soma do mundo, à impotência do riso
contra tudo o que não sabemos mudar:
a morte, o egoísmo, o levadiço coração
humano. Porque não há mais nada (ok,
há o amor – vai-te foder) e no mercado
do juízo a catequese está em alta.
Regressemos à toada desta fábrica de luz
defeituosa, intermitente como a vida.
Se não há melhor emprego para a culpa
e os domingos custam dias a passar
(SILVA, 2010, p. 11).

Com voz e história poética diferente dos dois poetas anteriores, lemos agora Pedro Mexia¹⁴, o qual, além de poeta, com o primeiro livro publicado em 1999, é também tradutor, editor, curador de exposição, jornalista, cronista, figura cultural com circulação ampla e atuação institucional. Também, em sua poética, encontramos um discurso do cotidiano, com muita ironia a guiar o olhar do sujeito sobre cenas urbanas. Igualmente, a cidade de Lisboa. Afinal, é

¹⁴ Mexia publicou até o momento cerca de 10 livros de poesia. Além deles, é autor de crônicas, diários, teatro, traduções, organização de edições de autores portugueses, de Graham Greene e do brasileiro Nelson Rodrigues. Tem somente dois livros publicados no Brasil, pela editora Tinta da China: *Queria mais é que chovesse* (2015) e *Contratempo*, 2016.

a capital portuguesa e o espaço cultural mais ativo, é a paisagem que se apresenta nos poemas e por onde transita o sujeito poético com as suas referências literárias (Baudelaire, Cesário, Eliot, Pessoa e tantos mais), provocando diálogos inesperados e transposições até bem-humoradas ao jeito de Alexandre O’Neill. Especialmente no livro *Eliot e outras observações* (2003), o problema turístico é observado pelo sujeito na vivência lisboeta e na vivência da contemporaneidade, em que as relações são mediadas por telas, e os indivíduos têm experiências culturais ou emocionais de superfície. Um bom exemplo é o poema “Lisboa, Restauradores”, em que a relação dos indivíduos com o espaço citadino deixa de ser afetiva para ser maquínica, ou seja, não há a experiência de uma relação sedimentada pela memória afetiva, mas o resultado de uma fixação de imagens parciais em celulares apressados.

Que lembrança ou marca
deixarei em Lisboa? Que memória, funesta
ou boa, terá esta passagem pela
cidade, quando for tempo e se esgotar

a eternidade? Para onde vão
os meus livros e haveres,
enquanto eu para a Ajuda, Benfica
ou os Prazeres?

Além de uns vagos poemas,
de fotos escassas, como se prova
que quase amei este céu,
estas casas? Atravesso

os Restauradores em delírio
de apostolado e apercebo-me
de que não olhei para o lado,
e com a Baixa ao fundo

e dentro o mundo, terei ficado talvez
na fotografia deste japonês
(MEXIA, 2003, p. 94).

A poética de Mexia converge com a de Manuel de Freitas e de José Miguel Silva na ironia, na atenção ao movimento da cidade, essa Lisboa (ou outras capitais europeias) que se desfigura dia a dia, no jogo de referências literárias, musicais ou cinematográficas, numa linguagem próxima ao leitor, sem preocupação com uma retórica poética afirmativa do poder da palavra. Mas diverge por uma adesão menos ácida ao movimento do mundo, questionando o que se passa sem melancolia ou desistência. É também mais prosador (cronista, especialmente) do que poeta em tempo total.

Já nos aproximando do fim deste artigo, uma poeta é convocada a esta interlocução crítica. Trata-se de Golgona Anghel, que até o momento apenas publicou quatro livros de poesia, a par de textos acadêmicos relacionados aos seus interesses de investigadora e professora da Universidade Nova de Lisboa. A poética de Golgona prima pela dissonância, pelo ruído entre citações, pelo atrito de compreensão que suscita nos leitores desatentos. Sua escrita se sedimenta no panorama da poesia portuguesa contemporânea pela habilidade de figurar e desfigurar subjetividades que não só participam de micronarrativas banais em graus diversos de dramaticidade, como por um jogo inteligente com a própria literatura, ou seja, com a ficção que a escrita arma e desarma continuamente. Em diferença aos poetas anteriores, em seus poemas a voz lírica assume máscaras diversas, entrando no teatro do mundo para mostrar questões sociais, econômicas, políticas, culturais que se entrecruzam com efeitos diversos. Com isso, sujeitos masculinos ou femininos (trabalhadores/as, prostitutas, professora, escritores, anônimos diversos) expõem-se em seus poemas e traçam modos de ser e de agir num mundo cada vez mais segregador e de diferenças motivadas por um movimento econômico que gera a pobreza, o isolamento, o consumismo, a cisão de identidades plenas. A escrita de Anghel é, nesse horizonte de leitura crítica das forças presentes na sociedade, fortemente política. Não se trata de uma leitura moral da sociedade contemporânea, mas de uma apreensão extremamente lúcida da distância que há entre palavras e ações, entre discursos e gestos. As relações de poder, as relações de (des)afeto, os gestos alienantes, as ações cotidianas automatizadas mostram-se em seus poemas, em sua crueza e banalidade.

Poeta na Praça da Alegria¹⁵

Não sou infeliz. Não, não me quero matar.
Tenho até uma certa simpatia por esta vida
passada nos autocarros,
para cima e para baixo.
Gosto das minhas férias
em frente da televisão.
Adoro essas mulheres com ar banal
que entram em directo no canal.
Gosto desses homens com bigodes e pulseiras grossas.
Acredito nos milagres de Fátima
e no bacalhau com broa.
Gosto dessa gente toda.
Quero ser um deles.
Não, não guardo nenhum sentido escondido.
Estas palavras, aliás, podem ser encontradas
em todos os números da revista Caras.

¹⁵ Referência também a um programa de auditório, na parte da manhã, da RTP, muito visto em Portugal.

A ordem às vezes muda.
Não quero que me façam nenhuma análise do poema.
Não, não escrevam teses, por favor.
Isto é apenas um croché
esquecido em cima do refrigerador.

Obrigada por terem vindo cá para me beijarem o anel.

Obrigada por procurarem a eternidade da raça.
Mas a poesia, *mes chers*, não salva, não brilha, só caça
(2ª. edição, 2011, p. 24-25).

Ao lado dessa visão crítica da vida social, a poeta põe também em atrito as palavras literárias, os textos de diversos autores advindos de culturas diversas. No entrelaçamento de palavras, citações e narrativas, na mistura da alta cultura com a idiotização midiática, o leitor passa por uma experiência caleidoscópica da qual sai procurando ajustar seu olhar para um determinado ponto de apoio, o ponto da lucidez frente a confusão do mundo.

Há alguns anos, não temos um novo livro de Golgona Anghel, e talvez essa escrita cruel (Adília Lopes também já disse de sua musa que era cruel) seja exigente demais consigo própria para não correr o perigo de ser “desarmada” ao se estratificar na denúncia desse nosso tempo tão problemático, violento e tão absurdo, que acaba tornando a arte uma espécie de engajamento tardio e irônico, esgotado na sua impotência. Seja como for, a poesia que até o momento traz sua assinatura original é realmente uma forte consciência da *polis*, de seus fracassos, mas também da sua permanência na história, sempre se expandindo pelo acréscimo de uma camada de ruínas sobre a camada anterior.

*

Este percurso delimitado entre alguma poesia portuguesa contemporânea tentou espelhar, num reflexo parcial, uma linguagem poética em deslocamento de vozes e cenas. Seja em melancolia, seja com certo humor ou muita ironia, esses sujeitos líricos observam a vida cotidiana numa cidade tão igual a tantas outras e expõem sua palavra solitária, mas também solidária com tantos outros que partilham a escuridão de nosso tempo. Muito afastados do projeto moderno de transformar o mundo pela palavra poética, esses poetas que nomeamos já não podem crer nessa história. No entanto, buscam, na lucidez, um meio de enfrentamento desse desencanto cada vez mais violento que envolve os sujeitos contemporâneos. Essa lucidez permite olhar de frente seu tempo e valorar a poesia como espaço do sensível e do afeto, um

espaço que não se deixa desviar do humano numa sociedade cada vez menos solidária. Por isso, falamos em alguns momentos de “po-ética”, retomando o termo de Deguy e compreendendo-o como um modo, em poesia, de participar do comum, de partilhar o sensível da vida por meio da consciência da dissonância, da “dissatisfação” (como uma vez referiu Joaquim Manuel Magalhães em *Dois Crepúsculos* (1981)), assumindo a necessidade de a literatura persistir, em meio mesmo à crise de seu sentido, como “defesa do atrito”, para que não nos reste apenas contemplar, impotentes e em solidão, o avanço das ruínas.

Referências

ALVES, Ida. Na livraria de que fizemos casa: ser leitor com(o) Manuel de Freitas. *Revista Tamanha Poesia*, v. 5, n. 10, Belo Horizonte: UFMG, 2020. p.15-31.

ANGHEL, Golgona. *Vim porque me pagavam*. Lisboa: Mariposa Azul, 2011.

ENTREVISTA a Manuel de Freitas: “Fiz uma fogueira com 1200 poemas. Foi uma noite triunfal, uma alegria ver aquilo a arder!”, por Luís Miguel Queirós. *Jornal Público*, Lisboa, 29/12/2023.

FILIPPE, João. José Miguel Silva: o poeta gaiense. *O Barrete*. Disponível em: <https://obarrete.com/2020/09/07/jose-miguel-silva-o-poeta-gaiense/> Acesso em: 06 maio 2022.

FREITAS, Manuel (org.). *Poetas sem qualidades*. Lisboa: Averno, 2002.

_____. *Portugal, 0 - 1*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2007.

_____; DIAS, Inês. Editorial. *Cão Celeste*, Lisboa: Averno, n. 1, abr. 2012.

_____. *Game over*. S.l: Alambique, 2017.

_____. *Ubi sunt*. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2019. (A Coleção, volume I)

JORNAL *Público*, Lisboa, Porto. Como 50 edifícios retratam a “brutal transformação” da Baixa do Porto. Mariana Correia Pinto, 3 de Outubro de 2021. edição on line. Disponível em: <https://www.publico.pt/2021/10/03/local/noticia/50-edificios-retratam-brutal-transformacao-baixa-porto-1979528> Acesso em: 14 nov 2021.

LOPES, Silvina Rodrigues. *Literatura, defesa do atrito*. Lisboa: Vendaval, 2003.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Os dias, pequenos charcos*. Lisboa: Editorial Presença, 1981a.

_____. *Dois crepúsculos*. Sobre poesia actual e outras crónicas. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981b.

- MARTELO, Rosa Maria. As Humanidades, hoje. *Cão Celeste*, Lisboa, n. 8, dez. 2015.
- MEXIA, Pedro. *Eliot e outras observações*. Algés: Gótica, 2003.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- ROQUE, Jorge. Uma escada que sobe pelos degraus de ti. *Cão Celeste*, Lisboa, n. 3, mai. 2013.
- ROSA, António Ramos. A acção poética e o processo histórico. In *A poesia moderna e a interrogação do real - I*. Lisboa: Arcádia, 1979.
- SENA, Jorge de. Prefácio da primeira edição. *Poesia I*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- SILVA, José Miguel. *Erros individuais*. Lisboa: Relógio D'Água, 2010.
- _____; FREITAS, Manuel de. *Walkmen*. Lisboa: &etc, 2007.
- SISCAR, Marcos. *Poesia e crise*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

Recebido em: 16/01/2024.

Aceito em: 03/03/2024.